

MICROSCOPIO

(Especial para o "Correio do Povo")

O dogma do presidencialismo indígena é o da independência aos poderes; dogma absurdo, como muitos outros dogmas. Debalde se argui o anti-científico da concepção, debalde se demonstra não haver órgãos independentes, senão somente diferenciados e correlatos, debalde se acentua que independência e harmonia são conceitos contraditórios, debalde se lembra que nos Estados Unidos não existe a independência tal como aqui se pretendeu instituir, tudo de balde, porque, com a tendência para o despotismo, com a República introduzida, do falso dogma da independência dos poderes se fez a inexpugnável fortaleza do poder pessoal.

Quisera eu, porém, me dissessem os presidencialistas caboclos, que na República Norte-Americana têm sempre fitos os olhos e cautamente os desviam das grandes democracias européias, quisera eu me dissessem onde fica a decantada independência dos poderes, em casos como o da nomeação do novo secretário de Estado do Presidente Truman.

Durante horas a fio, o candidato à pasta (simples candidato que o voto do Senado pode condenar inapelavelmente) submete-se a verdadeira inquirição, como réu perante o Tribunal, enquanto o Presidente da República, que o escolheu, espera, não sem ansiedade, a sentença de uma das casas do outro Poder. Isto, note-se, para a nomeação de um dos auxiliares que nós teimamos em considerar da imediata e exclusiva confiança do Chefe da Nação.

Onde está — pergunto — o decantado principio da independência dos poderes? Ou não tem realidade, ou presidencial não é o regime político dos Estados Unidos e no Brasil deverão os norte-americanos vir buscar o paradigma do sistema que criaram...

RAUL PILLA